

CIDADE LÍDER

O protagonismo de Santos na Região Metropolitana da Baixada Santista é mais do que reconhecido. Mas, afinal, esse papel de liderança não é uma responsabilidade grande demais?

Santos é o maior município da Baixada Santista em termos populacionais e sempre teve um papel de destaque para a economia brasileira e nas lutas sociais. O tempo passou, as demais cidades da região também cresceram e novos desafios surgiram para integrar os serviços e atender adequadamente à população.

Diante disso, impõe-se a questão: Santos é, realmente, a capital da região metropolitana ou esse protagonismo representa um fardo pesado demais?

A resposta é "sim" e "não" ao mesmo tempo, segundo especialistas em Planejamento Urbano, Saúde, Educação e Economia consultados por A Tribuna.

Na visão do professor do curso de Arquitetura e Urbanismo e da pós-graduação em Direito da Universidade Católica de Santos (Unisantos), José Marques Carriço, o Município cumpre o papel de capital da metrópole por concentrar grande parte dos empregos, empresas e instituições públicas e privadas.

"A questão-chave é construir um processo de metropolização que compense as vantagens e desvantagens por meio de um arranjo institucional mais forte e participativo do que temos atualmente", destacou ele, que é pesquisador convidado pelo Observatório das Metrópoles, uma rede de pesquisa brasileira sobre o tema urbano-metropolitano em diversas vertentes disciplinares.

Para a arquiteta e urbanista Sania Cristina Dias Baptista, Santos realmente tem um protagonismo regional. Por outro lado, é preciso deixar de lado a cultura da existência de um único grande polo, considerando as outras localidades uma periferia.

"A região possui turismo, indústrias, porto, uma grande



CARLOS NOBREDA

Embora Santos seja de fato a protagonista regional, é preciso compensar as vantagens e desvantagens disso através de arranjos institucionais, afirma arquiteto José Carriço

gama de serviços nas áreas da Saúde e da Educação. Não precisamos ter tudo em Santos. Temos que pensar no equilíbrio regional", frisou ela, que atua na Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano (Emplasa) e coordenou o Plano de Ação da Macrometrópole Paulista.

Sania, que integra a diretoria técnica da Agência Metropolitana da Baixada Santista (Agem), e Carriço entendem que o Estatuto das Metrópoles (Lei Federal nº 13.089/2015) pode colaborar na busca por esse equilíbrio regional por meio da integração de políticas públicas, apesar de essa legislação não ter instrumen-

DNA DE METRÓPOLE

A arquiteta e urbanista Sania Cristina Dias Baptista destacou que o protagonismo de Santos na região metropolitana é antigo. "Foi o primeiro município do País a criar a Secretaria de

Assuntos Metropolitanos, antes mesmo de a Região Metropolitana existir de fato", destacou. A pasta foi idealizada pelo ex-prefeito David Capistrano Filho (PT, já falecido), que governou a Cidade de 1993 a 1996. O titular da secretaria era Osvaldo Aly (filhado ao PSDB). Curiosamente, essa aliança entre petistas e tucanos seria algo inviável nos dias atuais.

Os debates sobre a criação da Região Metropolitana da Baixada Santista tiveram início nos anos 1970. Ela foi oficializada de fato em 1996 pelo santista e então governador Mario Covas (PSDB, já falecido).

tos efetivos para superar os obstáculos ainda presentes.

PRÓS E CONTRAS

Para a arquiteta e urbanista Danielle Klintowitz, o fato de Santos ser protagonista da Baixada Santista não foi uma opção da Cidade, mas consequência de uma evolução urbana e histórica.

"Isso tem o bônus e o ônus. Por exemplo, por ser o maior município da região, Santos atrai um grande número de habitantes do entorno em busca dos serviços públicos, principalmente Saúde e Educação", explicou a especialista, que coordena o Projeto Litoral Sustentável. A iniciativa do Institu-

to Pólis produziu uma agenda de desenvolvimento para cada cidade do Litoral Norte e da Baixada Santista.

Para evitar a sobrecarga em Santos, o ideal é a criação de novos núcleos de desenvolvimento econômico. Danielle acredita que é possível criar outros centros importantes de geração de emprego e renda em Praia Grande e em Itanhaém.

"As ações lideradas pelo Poder Público estão buscando fazer o sentido inverso ao centralizar as medidas em Santos. As pessoas estão se fixando mais no Litoral Sul, mas a maior parte dos empregos está em Santos. Isso só promove a desigualdade".